

# Mais da metade da dívida externa vence até 89

MONICA MAGNAVITA

O Brasil vai fechar o ano com a maior dívida externa registrada do mundo, de US\$ 99,2 bilhões. Mais da metade desse total, US\$ 63.979 bilhões, vai vencer até o final da década, caso não seja reescalonado. Pelo acordo em vigor, se o esquema de amortização do principal da dívida de médio e longo prazo for seguido à risca, o que não vem acontecendo, o País só estaria livre de seus credores privados e institucionais no ano de 2007.

Mesmo assim, se não contrair empréstimos novos nesse período, o que é pouco provável. Em outras palavras, o estigma de nação endividada, que vem desde o tempo do Império, ainda vai ser carregado pelas novas gerações do século XXI. Os dados são do Programa Econômico de 1986, publicação do Banco Central.

As dívidas de médio prazo (um a oito anos) vencerão até 1993 e somam nada menos que US\$ 90 bilhões. O resgate total com o FMI deverá ser feito em 1990, com um total da ordem de US\$ 4,6 bilhões, isso se todas as parcelas forem pagas integralmente. As dívidas de médio e longo prazo (acima de oito anos) deverão crescer cerca de 3,5 por cento este ano, com relação ao ano passado, devido à queda da cotação do dólar no mercado internacional.

Estes números não deixam dúvida sobre a necessidade de uma renegociação da dívida, já que parece óbvio que o País dificilmente conseguirá resgatar todos os seus débitos ainda na primeira década do século XXI. Segundo estimativas do Banco Central, o total da dívida externa, sem considerar as oscilações cambiais, chegou a US\$ 108,8 bilhões, com um crescimento de três por cento sobre o ano passado e de 20 por cento em relação aos US\$ 83,3 bilhões de 1982.

Só neste ano, o País teria que desembolsar nada menos que US\$ 13,914 bilhões, relativo às amortizações e mais de US\$ 12 bilhões de encargos. O caso é que, a exemplo do ano passado, o Governo só pagou 25 por cento da amortização, devido à dificuldade de caixa, e assim o Brasil vai atrasando suas contas e arcando com mais multas.

A dívida não registrada, de prazos inferiores a um ano, também deverá aumentar em 86, passando dos US\$ 9,2 bilhões no ano passado para US\$ 9,8 bilhões em junho deste ano, segundo o BC, embora tenha diminuído progressivamente nos últimos anos. A variação, ainda de acordo com o Banco Central, pode ser atribuída à modificação na metodologia

## DÍVIDA EXTERNA TOTAL

	US\$ milhões			
	1984	1985	1986 2/	1987 2/
Total	99.765	103.142	101.196	99.385
Registrada	91.091	95.857	94.938	93.640
Não Registrada	8.674	7.285	6.258	5.745
Bancos Comerciais Brasileiros	4.595	4.023	—	—
Haveres	2.274	1.984	—	—
Obrigações	6.069	6.007	—	—
Outros 1/	3.779	3.128	—	—
Clube de Paris e Outros em Trânsito	300	134	—	—
Total (exclusive haveres de bancos comerciais brasileiros)	102.039	105.126	103.180	101.349

1/ Inclui linhas de crédito de importação de petróleo e outras.

2/ Previsão, não se considerando oscilações nas taxas cambiais em 1986 e 1987.

## AS AMORTIZAÇÕES

1986	US\$ 13 710 956
1987	US\$ 14 430 218
1988	US\$ 13 508 100
1989	US\$ 12 035 312
1990	US\$ 10 296 762
De 1991 até 2007 =	US\$ 30 675 623.

de apuração da dívida, a partir de janeiro de 86, com a inclusão nas obrigações dos bancos comerciais dos débitos do Banco do Brasil, que passou a não ser considerado autoridade monetária.

Da dívida registrada, os credores bancários estrangeiros detêm 59 por cento, ficando as instituições não financeiras com 23 por cento dos débitos contabilizados. Aos bancos brasileiros, restam apenas 7,6 por cento. Os principais credores bancários internacionais são os americanos Citibank, com mais de US\$ 4,4 bilhões; Chase Manhattan Bank, com aproximadamente US\$ 3,1 bilhões e Bank of America, com cerca de US\$ 3 bilhões. E ainda várias instituições financeiras alemãs, francesas, inglesas, canadenses, suíças, japonesas e italianas, dentre elas o Deutsche Bank, o Banque Nationale de Paris e o Lloyds Bank, com aproximadamente US\$ 1 bilhão.

Todo este quadro transformou o País em um exportador de divisas. Para se ter uma ideia do nível de encargos que pesa sobre os empresários contraídos pelo Brasil, no ano passado o total de recursos líquidos

## RESERVAS INTERNACIONAIS LÍQUIDAS NO BANCO CENTRAL

	em US\$ milhões	
	31 de dezembro	30 de junho
1. Ativos	9.273	8.732
A. Haveres Prontos	1.022	1.176
B. Haveres à Curto Prazo	8.197	7.486
C. Haveres a Médio e a Longo Prazos	54	70
2. Passivos	4.873	4.987
A. Obrigações Prontas	—	—
B. Obrigações a Curto Prazo	254	287
C. Obrigações a Médio e a Longo Prazos (FMI) 1/	4.819	4.700
3. Reservas Internacionais Líquidas (1-2)	4.400	3.745
4. Ajustamentos (acumulados)	—	-26
A. Monetização de Ouro	—	87
B. Ganhos e Perdas de Valorização	—	-113
5. Reservas Internacionais Líquidas Ajustadas (3-4)	4.400	3.771

## DÍVIDA EXTERNA DE MÉDIO E LONGO PRAZOS

(Por credores)

	Bancos Estrangeiros	Bancos Brasileiros	Outros	Total
Dívida Registrada em 31.12.85	59.915	7.640	28.302	95.851
Desembolsos em 1986	8.272	1.432	3.591	13.290
Amortizações em 1986	8.790	1.640	3.784	14.210
Dívida Registrada em 31.12.86	59.397	7.432	28.109	94.938
Desembolsos em 1987	8.836	1.091	3.509	13.430
Amortizações em 1987	9.303	1.494	3.917	14.790
Dívida Registrada em 31.12.87	58.910	7.029	27.701	93.640

que a Nação recebeu foi menor do que as amortizações que se viu obrigada a fazer. O financiamento bruto de organismos internacionais em 1985 foi de US\$ 1,2 bilhão e as amortizações foram de US\$ 654 milhões sobre aquele total. Resultado: os juros foram tão elevados que a entrada líquida de capital foi de apenas US\$ 573 milhões.

O Banco Mundial, BIRD, é o responsável pela maior entrada de recursos no País por parte de organismos internacionais, com 83 por cento do total, registrando nesse ano um aumento de quase cem por cento sobre 85. Os financiamentos líquidos, ou seja, a diferença entre o desembolso e as amortizações, feitos por organismos internacionais, aumentaram 63 por cento em relação ao último ano.

O setor público é responsável por 82 por cento da dívida brasileira, ficando os outros 18 por cento a cargo do setor privado, segundo dados relativos a dezembro de 1985. Enquanto o setor privado vem resgatando gradualmente sua dívida, a área pública tem atuado em sentido inverso. Em 1982, por exemplo, cerca de 30

por cento dos débitos eram do setor privado.

Dentro da composição da dívida registrada por moeda, 74,8 por cento foi realizada com o dólar. Com a queda da cotação da moeda norte-americana no mercado internacional, houve redução contábil da dívida nacional no ano passado. Apesar disso, essa desvalorização fez com que a cotação das outras moedas fortes subissem em relação à norte-americana.

Um dos fatores que dificultam a contabilização da dívida é o fato de que 77,4 por cento do total foi realizado sobre taxas de juros flutuantes, o que faz com que os resultados oscilem de acordo com o mercado internacional. O fato, de certa forma, serviu para a redução contábil da dívida neste ano, já que a libor (taxa londrina) sobre a qual o Brasil tem 46,2 por cento de seus débitos, caiu de 8,65 em dezembro do ano passado para 7,68 em julho de 86. Já a prima americana, que vem se mantendo inalterada ao nível de 7,5 por cento, mas já esteve em 1982 entre 10,5 e 15,5 por cento, tem apenas 23 por cento da dívida.